

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. Escuta sensível na formação de profissionais da saúde. Paris. Tradução Davi Gonçalves. Disponível em: <http://www.barbier-rd.nom.fr/ESCUTASENSIVEL.PDF> Acesso em: 19 abr. 2009.
- EKSTERMAN, Abram. Relação médico-paciente na observação clínica. In: XV Congresso BPanamericano de Gastroenterologia. Rio de Janeiro 1977. Disponível em: http://www.medicinapsicossomatica.com/doc/relacao_medicipaciente_obsclinica.pdf Acesso em: 10 abr. 2009.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica – 5ª ed. – São Paulo: Atlas 2003.
- MOREIRA, Marco Antônio & OSTERMANN, Femanda. Sobre o ensino do método científico.- Porto Alegre- RS: Instituto de Física – UFRGS Disponível em: <http://www.fsc.ufsc.br/cbef/port/10-2/artpdf/a1.pdf> Acesso em: 16 jan. 2009.
- QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. A música compõe o homem O homem compõe a música. 1ª Ed. São Paulo. Editora Cultrix. 2001.

16- A música na escola. Sons e melodias que permeiam o processo de inclusão escolar numa escola de ensino fundamental em Curitiba. Magali Ferreira Pinto Dias/PR¹ e Rosemyrian Cunha/PR²

RESUMO

Esta pesquisa, em andamento, tem por objetivo estudar das atividades musicais e musicoterapêuticas que são desenvolvidas em uma escola de Ensino Fundamental em Curitiba, a qual tem, em seu quadro discente, alunos de inclusão e/ou com necessidades especiais. Para este fim foram aplicados e analisados protocolos de observação, elaborados para esta pesquisa, onde se registrou as reações físicas, cognitivas e emocionais dos alunos no decorrer de atividades e interações musicais. Os resultados parciais mostraram que a música, quando elemento mediador da comunicação em musicoterapia possibilitou, para este grupo de crianças, formas abertas e alternativas de expressão sonora, afetiva e cognitiva.

Palavras-chave: Musicoterapia, Música e Inclusão.

ABSTRACT

This work aims to study musical activities developed in music classes and Music Therapy practices which took place in a Fundamental School in Curitiba. The school was interested in inclusive ways of teaching and living together with students who have special needs. Observation protocols have been created for this research and applied to record information about physical, mental and emotional expressions from eight students during musical interactions. The results revealed that music, as a communication mediating element in Music Therapy, became an alternative for cognitive and emotional expression that could help inclusive and educational practices.

Key-words: Music. Music Therapy. Inclusive school

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais na escola de ensino regular tem sido um tema presente nas reflexões a respeito da rotina escolar. Entram nesses debates temas como a capacitação dos professores, o preconceito frente ao que é diferente e as condições gerais das escolas para receber e conviver com os estudantes em processo de inclusão (NEVES e MENDES, 2001).

¹ Graduanda em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná.

Email: mgldias@hotmail.com

² Orientadora do Projeto de Pesquisa da Faculdade de Artes do Paraná. Licenciada em Música (EMBAP), Musicoterapia (FAP), Especialização em Gerontologia (UTP), Especialização em Psicopedagogia (UFRJ), Gerontóloga (SBGG), Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência (UFPR), Doutorado em Educação (UFRJ), Coordenadora do Centro de Estudos e Atendimento em Musicoterapia Clotilde Leinig (FAP), líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Interdisciplinares em Musicoterapia. Email: rose05@uol.com.br

Os objetivos das práticas de inclusão, de forma geral, direcionam-se para a promoção do desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida das pessoas portadoras de dificuldades motoras, sensoriais e cognitivas. É provável que os professores passem a buscar por alternativas educacionais e terapêuticas que os auxiliem no desenvolvimento de práticas que favoreçam a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento social e afeto-emocional dos alunos portadores de necessidades especiais, assim como se acredita na Musicoterapia acontece.

Neste sentido, as atividades que envolvem a linguagem musical, passaram a despertar interesse nas escolas inclusivas, como meios para abrir canais de comunicação entre os alunos, facilitar a apropriação de conteúdos didáticos e possibilitar a expressão de elementos psíquico-emocionais. Acredita-se que as atividades musicais podem transmitir valores culturais e ajudar na construção de formas de interpretar o mundo e assim colaborar com o desenvolvimento global do aluno (SEKEFF, 2002).

As escolas passaram a conviver com múltiplas situações no que se refere à utilização da música. A arte dos sons pode assumir o papel do recurso disparador de ações educativas como também pode ser um meio terapêutico que vise à expressão de pautas afetivo-emocionais. O uso da música na escola pode influenciar o bem estar dos alunos e a qualidade das relações de ensino-aprendizagem. As formas e maneiras pelas quais a escola faz uso da música devem ser conhecidas para que se ampliem as possibilidades de utilização de sons, ritmos e melodias nos processos de ensino-aprendizagem.

2 O CAMINHAR DA MUSICOTERAPIA NA ÁREA DE INCLUSÃO

A partir de pesquisa realizada na Biblioteca da Faculdade de Artes do Paraná em setembro e outubro de 2008, fez-se um levantamento dos trabalhos publicados desde 1968 que se referem à Musicoterapia nas escolas, Musicoterapia com crianças especiais e Musicoterapia e Inclusão. Os trabalhos encontrados estão representados na Tabela 1, abaixo. Esta tabela mostra os trabalhos encontrados, categorizados cronologicamente, e pelo tema de relevância, autor e tipo de estudo. Estas publicações foram encontradas em anais de fóruns, revistas científicas especializadas e periódicas reconhecidos.

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO ACERVO DE REVISÃO, SEGUNDO AUTOR, ANO, METODOLOGIA ADOTADA, 1968 – 2008.

TEMA	AUTOR/ANO	TIPO DE ESTUDO
Música, Ed. Musical e Musicoterapia	1) Michel, 1968/78	Relato de caso
Musicoterapia, Educação Musical Especial	2) Santos, 2008	Tese em andamento
Musicoterapia e Educação	1) Santos, 1974	Relato de estágio
Musicoterapia e Educação	2) Franco, 1976/77	Relato de caso
Musicoterapia e Educação	3) Lagares e Cupolillo, 2000	Relato de caso
Musicoterapia e Educação	4) Alberton, 2002	Relato de caso
Musicoterapia e Educação Especial	1) Welbel, Duarte e Cavalcante, 2001	Relato de caso
Musicoterapia e Educação Especial	2) Anais V Fórum PR.	Mesa redonda
Musicoterapia e Educação Especial	Musicoterapia, 2003	Relato de caso
Musicoterapia, Expressão Corporal e Educação Infantil	3) Nascimento, 2006	Workshop
Política Educacional e Musicoterapia	1) Jeandot, 1996	
Musicoterapia e Inclusão	1) Stival, 2002	Relato de caso
Musicoterapia e Inclusão	1) Braga, 2006	Relato de caso
Musicoterapia e Inclusão	2) Gomes, 2008	Artigo de Conclusão de Curso
Musicoterapia e Aprendizagem	1) Brasil, 2008	Artigo científico

FONTE: Modelo de quadro adaptado do artigo Sexualidade e o adolescente com deficiência mental – uma revisão bibliográfica, de Olga M. Bastos e Suely F. Deslandes – Instituto Fernandes Figueira. olgab@iff.fiocruz.br

A revisão de literatura existente sobre o tema em estudo mostrou que a produção literária que versa sobre a Musicoterapia e a Inclusão e a Musicoterapia na área de educação é escassa. Embora a Musicoterapia tenha iniciado seu campo de prática, no Paraná, no âmbito escolar, propriamente na área de Educação Especial, os registros escritos das atuações dos profissionais são raros. Esse fato leva a considerar que:

a) a produção de conhecimento científico, os relatos de pesquisa que mostrem os dados e os resultados do trabalho musicoterápico é uma construção recente.

b) os fundamentos teóricos e epistemológicos da Musicoterapia estão sendo estabelecidos na medida em que os estudos e investigações se ampliam.

c) a valorização da prática da Musicoterapia depende da divulgação dos profissionais da área no que tange à elaboração de pesquisas, aplicação de metodologias de investigação, análise e registro dos dados empíricos em textos para publicação.

3 A MÚSICA NA ESCOLA. SONS E MELODIAS QUE PERMEIAM O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental em Curitiba. O grupo de participantes aqui em estudo representa um recorte do corpo de alunos desta instituição de ensino; porém, se torna representativa na medida em que essas pessoas participam diariamente das atividades escolares e, desta forma, expressam na rotina da

vida cotidiana, as estratégias que constroem para conviver, aprender e assumirem o protagonismo e suas ações.

Nessa escola, as crianças com necessidades especiais além do atendimento pedagógico recebem atendimento na área de psicomotricidade, aulas de arte terapia e atendimento individualizado em Musicoterapia. Nos atendimentos em Musicoterapia, busca-se assistir as crianças com dificuldades de aprendizagem, sejam elas portadoras ou não de deficiências físicas e/ou mentais através das técnicas musicoterápicas e, da apropriação dos ensinamentos de musicalização e dos estímulos sonoros, em atendimento individual e/ou em grupo, visando o melhor desenvolvimento físico, psíquico, emocional, social, ecológico de este ser em formação.

A partir da experiência profissional da pesquisadora que há seis anos atua nessa escola, é que se desenvolveu o presente cujo objetivo foi o de contribuir para a descrição e análise dos processos e da prática musicoterápica nas escolas de Ensino Fundamental que acolhem em seu quadro de alunos, pessoas com necessidades especiais.

4 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, pretende descrever elementos originados em intervenções sob a ótica fenomenológica. Os dados foram construídos a partir dos fatos registrados, em protocolos de observação organizados pelas pesquisadoras, sobre as reações de oito alunos no decorrer de interações musicais em aulas de educação musical e em sessões de musicoterapia. O protocolo constava de eixos relativos às reações físicas, cognitivas e emocionais destes alunos. No total foram observadas quarenta e nove sessões musicoterapêuticas e trinta e sete aulas de música. Para os fins desta apresentação estão considerados apenas os registros referentes a quarenta e nove encontros de musicoterapia.

Foram encaminhados para o atendimento de musicoterapia doze alunos de inclusão ou com necessidades especiais. A fim de diferenciar os alunos com possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento escolar, neste estudo utilizou-se o termo aluno de inclusão para aqueles que tinham possibilidades de acompanhar e assimilar o conteúdo básico exigido pela legislação para aprovação dos mesmos no final de cada ciclo. Todo o material destes alunos era apenas adaptado (em forma ou tamanho) para sua utilização. Os alunos chamados de portadores de necessidades especiais freqüentavam a escola para efetivar interações e a socialização e recebiam orientação e estímulos diversos através de atividades desenvolvidas individualmente ou em grupo na sala de recursos da Instituição. O seu material escolar era individualizado.

Dos alunos encaminhados para atendimento musicoterápico, oito foram selecionados para esta pesquisa, por cursarem o primeiro ciclo do ensino fundamental. Deste conjunto sete são meninos e uma menina. Cinco deles cursam o 2º ano e três são alunos do 3º ano do primeiro ciclo. Do conjunto de alunos do 3º ano do primeiro ciclo, aqui observados dois estavam diagnosticados com transtorno de hiperatividade e desenvolvimento invasivo (THDI) e transtorno e déficit de aprendizagem (TDA), um foi diagnosticado com Síndrome de Down e no presente contexto foram considerados

alunos de inclusão.

Os outros participantes foram considerados matriculados e cursando o 2º ano do primeiro ciclo, dois são alunos com necessidades especiais (um é portador de Síndrome de Ellis-van Creveld e outro é diagnosticado com Convulsões Febris e Hipoplasia do Esmalte dentário – Amelogênese Imperfeita) e três são alunos de inclusão (um com Paralisia Cerebral Motora – Diplegia Assimétrica, um diagnosticado com portador da Síndrome do X Frágil e o terceiro com Transtornos Globais do Desenvolvimento – Autismo Infantil).

Ao observarmos e compararmos os dados dos protocolos de observação das sessões de Musicoterapia, com os registros da estagiária, com as Fichas Musicoterápicas (FM) completadas pelos pais, no que se refere à composição do repertório dos alunos atendidos observou-se que:

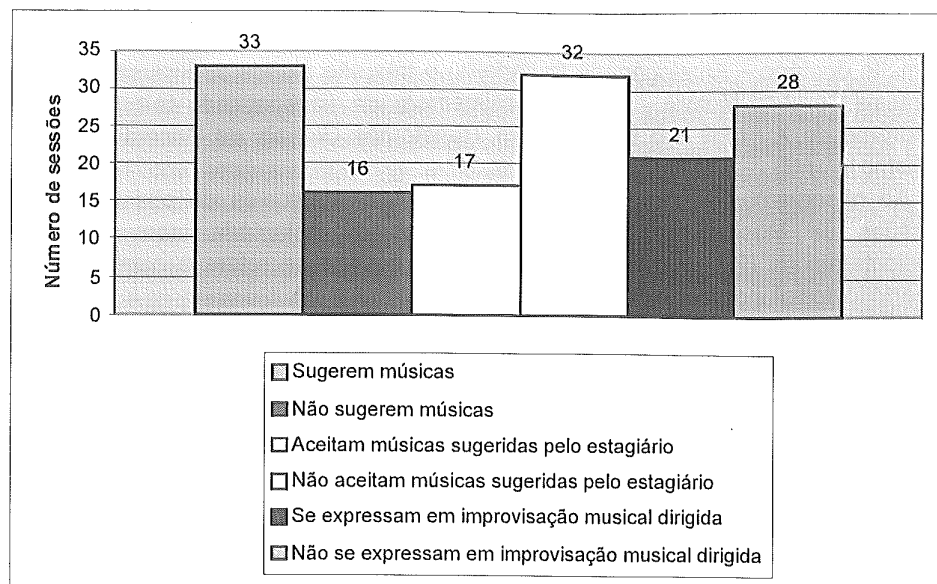
- a) Três pais e/ou responsáveis tem conhecimento do interesse musical dos seus filhos;
- b) Dos cinco restantes, três não retornaram a FM o que não nos permitiu fazer a comparação;
- c) e dois demonstram que as crianças escutam apenas o que os pais e ou responsáveis escolhem e não externam suas preferências, por motivos que não é possível avaliar até o momento.

Para apresentação dos dados encontrados, optou-se por mostrar os resultados dessa investigação, em imagens gráficas. Esta maneira pode facilitar a interpretação e a visualização dos fatos observados. Compreendeu-se também que o número de alunos aqui selecionados é representativo dentro do universo dessa pesquisa e a pretensão de generalizações está fora dos objetivos deste estudo.

A partir destes esclarecimentos, passa-se a mostrar e comentar os dados até agora encontrados em um total de quarenta e nove sessões de musicoterapia. Seguem abaixo, comentários e imagens no Gráfico I, referentes às categorias "músicas sugeridas pelas crianças", "expressão em improvisação musical" e "aceitação de músicas sugeridas pelo estagiário":

- a) Sugerem músicas espontaneamente: seis alunos em trinta e três sessões observadas sugeriram músicas quer seja verbalmente, por meio de gestos ou através de comunicação alternativa aumentativa (pastas de comunicação ou quadros de comunicação).
- b) Não sugeriram músicas espontaneamente: dois em dezesseis sessões, não se expressaram por vontade própria ou mostraram-se indiferentes a atividade proposta.
- c) Aceitam as músicas sugeridas pelo estagiário em Musicoterapia (EM:) três alunos se mostraram receptivos em um total de vinte e uma sessões.
- d) Não aceitam as músicas sugeridas pelo EM: cinco alunos não aceitam as músicas sugeridas pelo EM e retomam seus temas preferidos em trinta e duas sessões.
- e) Se expressão em improvisação musical dirigida: quatro participaram ativamente das mesmas e se expressam em vinte e uma sessões.
- f) Não se expressam em improvisação musical dirigida: dois não se expressaram em improvisação dirigida por dificuldades motoras e dois por vontade própria em um total de vinte e oito sessões.

4.0.1 GRÁFICO I – DESEMPENHO E INTERAÇÕES MUSICAIS



No que se refere aos instrumentais musicais de preferência dos alunos participantes deste estudo, observou-se que:

- quatro alunos preferem instrumentos de percussão de pele, a saber: zabumba, timba, tambores e caixas;
- Três preferem o teclado eletrônico;
- Um prefere instrumento de percussão metálico.

4.1 MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS DAS CRIANÇAS FRENTE À MÚSICA

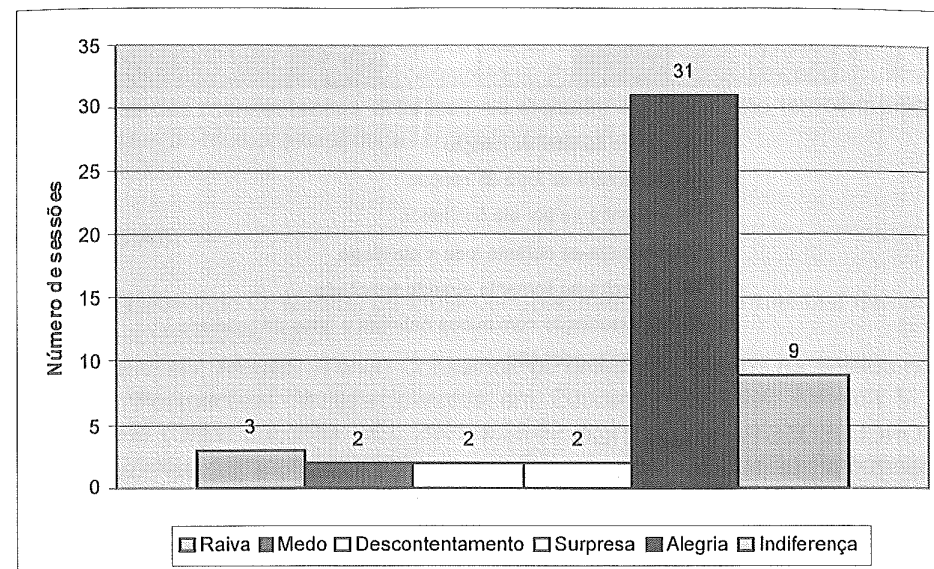
Foram observadas as manifestações emocionais das crianças no decorrer das atividades musicais e que eram expressas por meio de expressões faciais. Entre estas manifestações, foram selecionadas as seguintes: raiva, medo, descontentamento, surpresa, alegria e de indiferença. Constatou-se, conforme o Gráfico II, as seguintes expressões faciais:

- De raiva: três situações nas quais a inserção da música pretendia uma ação diretiva que requeriam uma resposta
- De medo: duas situações nas quais um aluno se percebeu frente à possibilidade de expressão.
- De descontentamento: duas situações de término da sessão de Musicoterapia em que um aluno demonstra descontentamento com o fato.
- De surpresa: duas manifestações um aluno por se defrontar a conteúdos significativos perante uma canção e outro aluno frente ao silêncio permitido na sessão.
- De alegria: na maioria das sessões (31) a metade dos alunos em atendimento

em musicoterapia (4), manifestou expressões faciais de alegria na comunicação musical.

f) De indiferença: em nove sessões, dois alunos demonstraram indiferença, onde um aluno demonstrou o baixo limiar de frustração e outro a dificuldade de acolher e/ou de se sentir acolhido quando surgem expressões, elementos de sua vivência cotidiana.

4.1.1 GRÁFICO II – EXPRESSÕES EMOCIONAIS FRENTE À MÚSICA

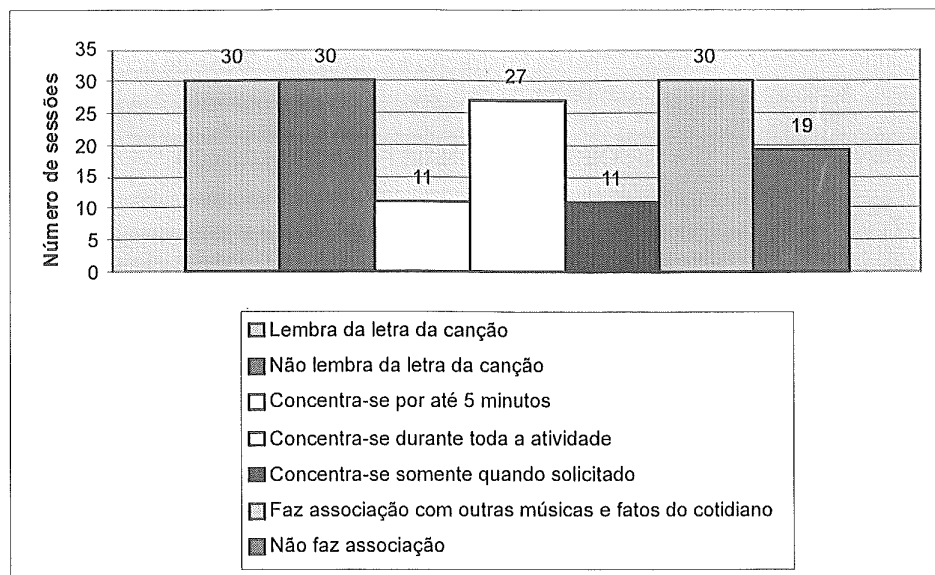


4.2 MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS DAS CRIANÇAS FRENTE À MÚSICA

A seguir serão relatados os dados coletados a partir das observações feitas nas sessões de Musicoterapia no que se refere às manifestações cognitivas das crianças enquanto interagem com as músicas. As manifestações aqui relatadas encontram-se representadas no Gráfico III:

- Quanto à memória: Ao analisar-se o gráfico abaixo se percebe que cinco alunos dos oito estudados, em trinta sessões (61% do total de sessões) lembraram da melodia da letra das canções.
- Quanto a manter a atenção durante a atividade contou-se que quatro alunos em vinte e sete sessões mantiveram a atenção por toda a atividade. Outros três alunos ficaram atentos apenas quando solicitados, em onze sessões e outros dois por pouco tempo em outras onze sessões. Cabe aqui ressaltar que um destes alunos que se manteve por pouco tempo concentrado somente o fez quando solicitado.
- Quanto à possibilidade e concretização de associações entre a música, a melodia e/ou fatos do cotidiano se percebe que a maioria dos alunos, em trinta sessões realizou associações e demonstrou tal fato através de comentários e manifestações musicais.

4.2.1 GRÁFICO III – MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS FRENTE À MÚSICA



5 CONCLUSÕES PARA O ARTIGO

Embora o presente estudo ainda esteja em fase de reflexão e análise dos dados, os elementos já investigados revelaram aspectos singulares referentes ao grupo de alunos aqui pesquisado. Entre estes se destacam os seguintes:

a) Alguns pais que demonstraram um conhecimento sobre o repertório e a sua identidade musical de seus filhos, parecem se inserir e compartilhar das vivências da rotina diária de seus filhos.

b) Apesar das limitações causadas pelas diferentes patologias aqui encontradas, através da música foi possível o estabelecimento de pautas comunicativas e a concretização de interações e expressões pessoais.

c) Em alguns casos a postura rígida quanto à adoção de um novo repertório (músicas sugeridas pelo EM e não aceitas pelas crianças) poderia estar relacionada com o quadro patológico.

d) Nos casos de não expressão nas improvisações dirigidas, percebeu-se que as crianças estavam impedidas de se manifestar por dificuldades e/ou impossibilidades motoras e cognitivas.

e) A preferência por membranofones (instrumentos recobertos por uma membrana estendida sobre a abertura) é relatada por Benenzon (1985) pelas particularidades destes instrumentos como: o simples manejo e deslocamento, não requerem conhecimento musical anterior, sua sonoridade é potente e agradável e de profundo primitivismo, tende a imitar os batimentos cardíacos, estimula a comunicação com o outro, são instrumentos líderes ou objeto integrador, produzem sonoridades também quando acariciados, roçados, raspados.

f) Ao se deparar com situações de não possibilidade de espontaneidade de sua

expressão musical e uma possível condução pelo EM as crianças manifestaram expressões de raiva. Já na manifestação de alegria confirmou-se a colocação da música entre as artes que possibilita a comunicação, expressão e realização.

g) Mesmo com todas as impossibilidades e dificuldades apresentadas pelos alunos, a música mostrou-se como um elemento capaz de provocar associações com fatos do cotidiano o que permitiu a ativação das condições cognitivas destes alunos.

Conforme anteriormente anunciado, esta pesquisa ainda encontra-se em desenvolvimento e pretende-se que, após a sua conclusão, seja possível a divulgação e socialização dos conhecimentos aqui construídos. Pretende-se, com isto, contribuir para a valorização das manifestações artísticas na inclusão escolar como também para a ampliação da ação musicoterapêutica no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- BENZON, Rolando O. Manual de Musicoterapia; tradução de Clementina Nastari – Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- MENDES, Enicéia; NENES, Tânia. Conselhos de defesa de direitos da pessoa com deficiência. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p.35-52.
- MENDES, Enicéia. A inclusão de alunos com deficiência na escola regular. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p. 127-126. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. Da música, seus usos e recursos. São Paulo: UNESP, 2002.